

Cartas

Direito dos animais

"Como assinante de O SÃO PAULO, sugiro que o artigo de frei Patrício Sciadini 'A idolatria ecológica' seja chamado de 'A idolatria antropocêntrica'. Ele acerta no varejo e erra no atacado. Ilustra bem porque a Igreja não esteve presente no início do movimento ecológico e não tem nenhuma presença marcante nesse tema, que hoje tanto mobiliza jovens e sociedade.

Com essa visão 'criacionista' da vida sobre a Terra, é grande a dificuldade em aceitar e se deixar questionar pelos conhecimentos científicos relativos à origem da vida e às leis que regem a evolução das espécies. Ainda perdura nessa visão do nosso querido frei Patrício a idéia que Deus interveio de forma fulgurante na evolução das espécies. Um pouco como se os primeiros capítulos do Gênesis fossem realmente o relato científico de como as coisas sucederam. Os homínidos existem há quatro milhões de anos e o Universo há 15 bilhões de anos, enquanto o epifenômeno da história da revelação tem 4.500 anos! A lentidão e extensão corporal dos processos evolutivos (centenas de milhares de anos) ainda não foram integrados ao pensamento filosófico-religioso católico.

A evolução das espécies não acabou e continua diariamente. O que será de nossa espécie daqui a algumas centenas de milhares de anos? Teremos substitutos ou sucessos, caso não nos autodestruamos? Serão homínidos ou outro tipo de animal? É nessa escala temporal que devemos, no mínimo, buscar resposta às velhas indagações. O homem, tal como o conhecemos hoje em seu estágio evolutivo, está muito mais perto do animal do que do pressentimento do homem existente em cada um. Como diz Konrad Lorenz, o elo que falta entre o macaco e o homem, o elo perdido, somos nós mesmos.

As descobertas científicas sobre a Terra e o Universo mostram o quanto é infinito e insondável o plano de Deus. O que nós chamávamos de plano de Deus era e será sempre uma percepção muito tênue e aquém de seus insondáveis desígnios. Dentro dessa perspectiva deveríamos retomar, dentro de um enfoque absolutamente novo, as questões sobre a criação e seu destino escatológico.

O chamado 'centro da criação' tem combinado caça e matança indiscriminada dos animais com a destruição de suas moradas naturais. Isso reduziu muitas espécies de animais a uma terrível prisão territorial e numérica, enquanto outros caminharam e caminham para a extinção. Criamos o mais terrível campo de concentração ao aprisionar geneticamente os animais selvagens ou condená-los a reservas onde não tem espaço nem número para seguir evoluindo. Onde o plano de Deus prevê a eliminação das formas de vida no planeta em detrimento da expansão da raça humana? Daqui a dois milhões de anos de evolução, em que grau de conhecimento do plano divino estarão os golfinhos, os chipanzês, os papagaios e os homo sapiens?

Nas grandes religiões monoteístas os homens não têm nada a aprender com os animais e o atropelamento de um cachorro não merece mesmo nenhuma atenção, sobretudo se ele não é o seu animal de estimação. Já em muitas das religiões indígenas os diversos animais servem de modelos de comportamento para os homens e os ensinam como proceder em muitas situações. O único e raro exemplo da Bíblia é o da jumenta de Balaão (Nm 22, 22-28).

Superar o antropocentrismo é um passo a mais no caminho do caos ao cosmos. Um cosmos que na sua totalidade possui um coeficiente positivo superior ao da humanidade: na hierarquia dos seres ele constitui a condição primeira. A natureza pode viver sem o homem e não o contrário. Isso não implica a adoção de biocentrismo, junto com a defesa do meio ambiente, mas em repensar nosso lugar e dos homens no planeta em função da unidade original de todas as formas de vida. Essa unidade inicial deveria gerar unidade de destinos, unindo imortalidade e eternidade. Chega de idolatrias." (Evaristo Eduardo de Miranda, Campinas-SP)